

«VIVO É ALGO PRESENTE»

Testemunhos* - 3



Foto Luigi Ghirri, Caserta, 1987. Da série *Un piede nell'Eden*. © Eredi Luigi Ghirri.

Testemunhos

Cantos: *Eso que tú me das*
La strada

Andrea Mencarelli. Podemos cantar a vida até o fundo? No *Cartaz* de Páscoa está escrito: «Os homens, jovens e nem tão jovens, no fundo precisam de uma coisa: a certeza da positividade do seu tempo, da sua vida, a certeza do seu destino», que é o que nos faz cantar até o fundo, até o extremo. E continua: «“Cristo ressuscitou” é afirmação da positividade do real; é afirmação amorosa da realidade. Sem a Ressurreição de Cristo existe uma só alternativa: o nada». Foi isso que as mulheres conheceram na manhã da Páscoa – a positividade do real: Ele, vivo, experimentável, mais forte que o mal, vitorioso sobre a morte. Mas, justamente a partir disso poderia nascer uma pergunta, ou até uma objeção invejosa: «Esta notícia é muito bonita, foi bom para eles dois mil anos atrás, mas e hoje, no presente?». Em *O brilho dos olhos*, Carrón diz: «Os discípulos foram introduzidos por Jesus na consciência de Sua relação com o Pai [...]. E a nós, hoje, quem nos introduz nessa relação? É sempre Cristo quem nos introduz na relação com o Pai. Como?». Através do carisma, como ouvimos na Escola de Comunidade e também como dizia a contribuição que eu li ontem. Através do carisma significa através de rostos com nome e sobrenome, olhares humanos que nós podemos encontrar e que constituem – diz, ainda, em *O brilho dos olhos* – «um apoio poderoso, um »

* Testemunhos de Alfonso Calavia e padre Gabriele Giorgetti no Tríduo Pascal dos Colegiais durante o Sábado Santo (3 de abril de 2021).

» apelo sugestivo e convincente a viver plenamente, com inteligência e criatividade, a experiência cristã».¹ Não é algo que precisamos inventar, precisamos apenas acolher. Esse é o motivo pelo qual esta manhã encontraremos dois rostos com nome e sobrenome com quem podemos dialogar. A primeira pessoa que vamos escutar veio da Espanha (da Espanha vêm muitas coisas boas!), se chama Alfonso e talvez alguns de vocês já o conheçam. No número de fevereiro de *Tracce* – que é a melhor revista do mundo, e saibam que se a virem pela casa de vocês, vale a pena folheá-la e lê-la... não é reservada a adultos; não é o catálogo das lojas Esselunga, mas oferece prêmios mais valiosos – há um artigo que fala dele. Mas, hoje, nós o temos “vivo e presente”, porque é muito mais bonito poder escutá-lo. Olá, Alfonso.

Alfonso Calavia. Oi, padre Andrea!

Mencarelli. Obrigado por estar conosco e bem-vindo! Depois você se apresenta; quero apenas dizer por que tive vontade de convidá-lo. De fato, li um artigo bellissimo na *Tracce*, que fala do trabalho incrível que você está fazendo há algum tempo todas as manhãs, com paciência quase monástica: uma síntese diária das notícias. A curiosidade que me veio foi esta: hoje em dia, muitos de nós têm alergia à realidade, o mundo tem alergia à realidade, por isso o pensamento mais comum seria que quanto menos soubermos sobre ela, melhor; no entanto, você faz um trabalho que adentra na realidade. Então, em primeiro lugar gostaria de perguntar quem é você e, depois, o que você busca com esse trabalho.

Calavia. Olá a todos! Só posso começar dizendo, padre Andrea, que o telefonema que recebi do senhor (anos depois de nos termos visto pela última vez!) me fez repensar em toda a “história de amor” que veio até mim. Conheci o senhor em La Thuile, no CLU (Universitários de Comunhão e Libertação), anos atrás, e esta história continua, misteriosamente; por isso, um simples telefonema seu, me fez bem. Não sei se o que vou dizer poderá ajudar, mas seu telefonema foi, para mim, uma bellissima ocasião para repensar na “história de amor” que a vida é. Padre Andrea me pediu para falar em italiano, então, é culpa dele se vocês não entenderem duas entre três palavras. É tudo culpa dele!

Respondendo à primeira pergunta: me chamo Alfonso, sou casado há dois anos com uma linda mulher, que se chama Maria. Sou professor do ensino médio e faço parte do Movimento há quinze anos, exatamente (depois contarei a vocês) desde às 16h50 do dia 21 de setembro de 2006. Antes de conhecer o Movimento nunca tinha lido um jornal; é um dado curioso, mas pode ajudar a entender o alcance da proposta do Movimento na minha vida. Antes de ler para vocês alguns artigos que considero impressionantes, devo confessar que gosto muito de estar próximo da necessidade das pessoas. Eu achava que nos jornais só se falasse de política, de ideologia, de um lado ou de outro, mas descobri que isso não é verdade. Vocês mesmos podem verificar. Muitas pessoas escrevem sobre o que acontece com elas todos os dias: acordam, e começam a escrever sobre o que têm no coração. Lendo os jornais, entendemos melhor que a necessidade luta contra o nada. Talvez seja uma estupidez, mas enquanto leio alguns artigos que falam do coração, sorrio e digo: «Caramba, esse autor luta contra o nada, contra o ceticismo!».

Muitas vezes, nós julgamos as pessoas por aquilo que pensam. Leio jornais de esquerda, de direita, progressistas, de todas as cores, e vejo que a necessidade de quem escreve é mais verdadeira do que a ideologia que professa: a pessoa pode dizer uma besteira contra a Igreja – que é a minha casa –, mas no dia seguinte fala da sua filha, e o que ela diz me interessa. Alguém pode pensar que isso é impossível e que não devemos ler alguém que fala mal da »

¹ J. Carrón, *O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?*, Passos 2020, pp. 125, 129.

» Igreja. Eu acho que, pelo contrário, cada um está num determinado ponto do caminho e, para mim, é muito interessante ver como cada um se exprime. Além disso, sempre penso no que Julián Carrón diz, ou seja, que o senso religioso é a verificação da fé. Por causa da fé que vivo, posso entender e ver melhor, posso olhar com maior intensidade para o desejo dos outros e também para o meu.

A última coisa que gostaria de dizer antes de ler alguns artigos é que as tentativas de algumas pessoas são parte de um percurso humano muito bonito. Para mim, não é necessário que em todo artigo haja o percurso humano completo, porque ter encontrado este lugar – o Movimento – há quinze anos, faz com que eu reconheça, nas tentativas das pessoas, um grito em busca de um sentido último para a vida, o sentido que, por graça, nós encontramos. Imaginem onde estaríamos se não fosse isso!

Vou ler o primeiro trecho de um artigo. Vocês também podem encontrá-lo em *Tracce*.² Um jornalista escreve, no final de 2020: «O ano que termina não deu beleza ao mundo. A luz não tem pressa em vir nos ver. Nós a buscamos em todos os lugares, mas não existe. Esperamos que no próximo ano a beleza caia do céu para que todos os homens e mulheres deste planeta possam vê-la». Alguém poderia dizer: «Mas nós encontramos a luz», e fechar o jornal. Eu não, porque isso é um grito! «O ano que termina não deu beleza ao mundo», para mim é a mesma coisa que dizer: «Luz, pode vir, por favor?». É como um grito: diante de todos os leitores desse jornal progressista, alguém decide falar sobre isso. É impressionante! Um outro, que sempre fala de política, certo dia escreveu: «Onde estão as fotos dos avós? O triciclo, a ortografia e a sintaxe, minhas rixas com os amigos e o álcool? O que está acontecendo comigo esta tarde? O que sou eu? De onde venho?». Enche o artigo de perguntas, para quem quiser escutá-las. Às vezes, fico impressionado que a mesma pessoa possa escrever coisas tão profundas e, no dia seguinte, dar juízos políticos e culturais com os quais não concordo. Se eu não tivesse encontrado o fato cristão, estaria na mesma posição dele, aliás, às vezes ainda estou! O último artigo – é impressionante! – parece uma narração do Julián. É como uma pequena história, que vocês precisam ler. Eu vou ler agora, mas depois vocês precisam lê-la novamente. «Um homem jovem nos conta que mora com um animal estranho, que não sabe definir, herdou-o de seu pai, e algo o faz falar dele como se fosse um fato divino. Ele o mostra aos filhos dos vizinhos, no bairro. Depois, conta as coisas estranhas que ele faz: pula em mim como se quisesse me dizer alguma coisa e, para contentá-lo, digo sim. Ele está falando de um animal que nós temos e que não sabemos o que fazer com ele. É um animal que nos causa tanto tristeza quanto felicidade, e nos pede para fazer coisas mesmo quando não somos capazes de fazê-las. Por que não posso evitar dizer sim? Porque todas as pessoas que me amaram, me perguntam dele e querem que eu o mostre. Essa criatura absurda é o coração humano». Uma manhã, enquanto estava preparando a resenha para o Movimento da Espanha, de repente me deparei com essa pessoa que, num dia normal, decide falar do coração como um animal que nos pede coisas e a quem não podemos dizer não. Então, pensei que o que encontramos é real, real de verdade, e útil para entender os problemas, as preocupações mais profundas e maiores das pessoas!

Parece que conheço esse jornalista sem nunca o ter visto; não, *parece*, mas *o conheço* sem nunca o ter visto, da mesma forma como conheço Dom Giussani sem nunca tê-lo encontrado pessoalmente. Por quê? Porque a experiência é absolutamente a mesma: eu também tenho esse coração, esse «animal estranho» que me pede coisas, ao qual não posso dizer não. É a coisa mais bonita que eu tenho, e também a mais estranha: ele não sabe que eu o conheço, mas nos conhecemos! Às vezes, escrevo para alguns desses jornalistas, e alguns respon-

² A. Calavia, «Spagna. In cerca dell'uomo», a cura di P. Ronconi, *Tracce Litterae communionis*, n. 2/2021, p. 27.

» dem. É uma surpresa incrível. Depois da apresentação, aqui na Espanha, de um livro, com Julián, *O despertar do humano*, procurei o e-mail de uma jornalista e escrevi para ela dizendo o que mais tinha me impressionado em seus artigos. Assim, almoçamos juntos, e ela me contou que uma empresa de comunicação tinha sugerido que ela parasse de escrever sobre o coração “porque as pessoas se bloqueiam diante de seus artigos, que são muito profundos e muito sérios; em vez disso, você deveria escrever sobre coisas banais porque, assim, as pessoas leriam!». E ela me disse: «Você fez completamente o contrário!». Escolhi vinte de seus artigos – entre os duzentos que tinha lido – que falavam justamente de temas que vão até o fundo de cada um de nós. Para ela, a primeira surpresa foi esta: «Mas por que você está me pedindo para falar justamente dos artigos que me disseram que eu deveria parar de escrever?». Isso é impressionante. Durante aquele almoço, ela pediu que eu colaborasse com ela nas redes sociais. A primeira surpresa foi: por que eu posso olhar assim? Como pode ser bom para mim ler esses artigos? E o presente, é que ela tenha se dado conta. Às vezes o Senhor também nos dá a possibilidade de ver também essas coisas, mas, para mim, já é um bem olhar para as pessoas assim.

Mencarelli. Obrigado, Alfonso. A segunda pergunta tem relação com o que você contou: como isso é possível? «Por que você fez o contrário?», disse a jornalista. De onde nasce essa diversidade? No início, você teve a precisão de dizer que é do Movimento desde às «16h50 do dia 21 de setembro de 2006». «Eram cerca das quatro horas da tarde», poderíamos parafrasear. Então, a segunda pergunta é: de onde nasceu? O que aconteceu?

Calavia. Em primeiro lugar, peço desculpas pelo meu italiano e, depois, porque talvez eu chore. A diversidade nasceu de uma história de amor incrível. Conto brevemente: tenho uma família muito bonita – realmente bonita! –, mas quando cheguei aos quatorze, quinze, dezesseis anos, não sabia pelo que viver. Nunca fiz grandes besteiras, nunca experimentei drogas, simplesmente vivia sem saber por quê. Aos quinze, dezesseis anos, conheci, na minha escola, um bom grupo de amigos, o único cuja experiência me fazia desejar que fosse para sempre, digamos assim. Lembro-me perfeitamente que algumas vezes nos fazíamos promessas de eternidade: «A universidade não vai nos separar, seremos amigos para sempre». Isto aconteceu durante os últimos três anos do ensino médio. Mas, bastaram os três meses do verão de 2005 – quando me formei – e não sobrou nada do que eu tinha vivido com aqueles amigos. Quando o espaço e o tempo mudaram, a amizade acabou. Quando comecei a universidade, pensei: «Se na escola nada dura, por que na universidade alguma coisa deveria durar, os relacionamentos que começarem agora?». Fiz amizades desde o primeiro dia da universidade, como acontece com todo mundo, mas com a consciência de que tudo acabaria. Isso me fazia mal porque, naqueles anos, eu tinha clara apenas uma necessidade, apenas um desejo era realmente claro: o de que as coisas durassem. Mas isso não acontecia. E esse fato deixava um buraco enorme dentro de mim.

E, assim, chegou o dia 21 de setembro de 2006, que também era meu aniversário. Eu estava no metrô (é impressionante, aconteceu no metrô de Madri!), e no meu vagão havia vinte ou trinta jovens do CLU (eu não sabia o que era o CLU); um deles se aproximou e me disse: «Oi, quem é você?». Não sei vocês, na Itália, mas na Espanha não é normal, quando você está sozinho no metrô, alguém se aproximar e perguntar quem você é. Eu respondi: «Sou Alfonso», mas, lá dentro, eu dizia: «Não sei por que diacho você se interessa em saber quem sou». Na parada seguinte eles desceram do metrô, e eu não. Só depois entendi que ele pensava que eu fosse alguém novo no grupo e, então, para se apresentar, tinha se aproximado me perguntando: «Quem é você?». Misteriosamente, no dia seguinte, era 22 setembro, recebi uma chamada de um número desconhecido: era David (o rapaz que tinha se aproximado »

» de mim no dia anterior). Obviamente eu não tinha dado o meu número de telefone, mas ele disse que meu rosto tinha “agradado” e, então, através da minha irmã e um amigo do amigo dela, ele, que é muito especial como pessoa, descobriu o meu número, me telefonou e me convidou para ir a um jantar com seus amigos para preparar uma caritativa. Eu não sabia o que era caritativa, mas, pelo medo, ou pela vergonha de dizer não ao telefone, disse que sim, e fui. Quando cheguei (naquele 22 de setembro), me vi no meio de um jantar que, para mim, era uma novidade. Agora, talvez estejamos todos habituados a esse tipo de jantar, mas na época eu não estava acostumado a ver quarenta pessoas de diversas idades jantando juntas: havia alguns italianos, um do primeiro ano da universidade, outro do quinto, outro não sei; para mim, era um grupo absolutamente estranho. Um deles falava sobre por que fazer caritativa com os mendigos sem teto numa praça de Madrid. Eu fiquei meio por fora, e disse ao rapaz que tinha conhecido no metrô no dia anterior: «Não sei o que é isso, mas é como se fosse um início de resposta ao que tenho no coração», porque parecia uma amizade verdadeira, possível também entre pessoas de idades diferentes. Eu nunca tive um amigo de idade diferente da minha. Voltei para casa e, naquela noite, não dormi um minuto sequer. No dia seguinte, foi como se eu soubesse aonde ir. Incrível!

Naquela semana, a última de setembro de 2006, fiz tudo junto com eles – tudo, tudo com eles. Comecei a curtir a vida apenas por estar com eles, fazendo coisas normais. Tudo aquilo me parecia absolutamente impossível. Nove meses depois, meu amigo foi embora para entrar no Mosteiro da Cascinazza, e eu continuei indo à Escola de Comunidade porque ele ia. Se ele fosse a qualquer outro lugar, eu teria ido, mas ele ia à Escola de Comunidade, jogava futebol, bebia cerveja, etc. E, então, eu fazia as mesmas coisas. Eu estudava numa universidade diferente da deles, mas ia estudar lá só para ficar com eles. A coisa impressionante é que quando meu amigo foi embora – não sei como dizer –, as pessoas do CLU, seguramente com todas as boas intenções, me diziam: «Não se preocupe, porque não é ele, é Cristo». Mas eu mandava para aquele lugar qualquer pessoa que me dissesse: «Não se preocupe, porque não é ele». Eu me sentia triste porque não gostava do que estava estudando, e não tinha coragem de dizer: «Preciso parar. Conheci um homem com um rosto, com um nome e um sobrenome, com ele comecei a ser feliz, realmente feliz, a apreciar realmente a vida, com uma intensidade absolutamente nova, e agora não o verei mais». Para mim, ainda não existia o problema se era ele ou um “outro”, mas dizia: «Não me interessa esse Cristo, ou esse “Tu” de que vocês falam, o que me interessa é estar com o meu amigo, e agora não posso mais estar com ele». A pergunta cresceu, obviamente. Antes de ele partir, tivemos um encontro rápido, e eu lhe disse: «Como é possível que eu tenha passado minha vida inteira procurando por isso e agora você vai embora?». Ele me respondeu: «Olha, aconteceu a mesma coisa comigo dez anos atrás, com um amigo, num lugar preciso. Aconteceu a mesma coisa com ele em relação a outra pessoa. E, voltando vinte ou trinta gerações, chegamos a Jesus, a São Paulo, a Pedro e a João». Era a primeira vez que eu ouvia falar do cristianismo como uma história de amor, humana: você vê uma tal diversidade humana em uma pessoa que é quase impossível não segui-la.

Deixando-me com essa hipótese, ele foi embora e eu continuei participando do CLU. E a maravilha – conto rapidamente – é que pude fazer a mesma experiência, não *como* aconteceu com ele, mas *daquilo* que aconteceu com ele, ano após ano, mês após mês, nunca diferente da experiência inicial. Agora, não trocaria de lugar nem por um minuto com o Alfonso de antes. Depois daquele dia, por ter conhecido aquele homem, fiquei absolutamente apaixonado pela vida. Eu não trocaria nem por um minuto o que acontece hoje pelo passado, porque o que aconteceu no CLU, depois que ele foi embora, foi um caminho de conhecimento do que aconteceu quando o encontrei: aconteceu Cristo, que é Aquele que celebramos hoje, e é evidente que é Ele que me permite ser feliz a cada instante. »

» Nós podemos participar dos Colegiais, ou do CLU, pensando que é um lugar de relacionamentos bonitos – que, no entanto, é verdade – e que, quando um amigo vai embora, você não vai aguentar. Porém, entender que o que aconteceu é que o Mistério que faz todas as coisas se fez carne, conheceu você, procurou por você e te permite ser feliz, isso é outra coisa. E isso se manifesta muitas vezes num lugar de relacionamentos muito bonitos, mas sem o caminho de conhecimento que Julián, graças a Deus, nos acompanha a fazer, que Nacho nos acompanha a fazer, eu teria perdido o melhor, realmente. Ainda tenho algum tempo para dar dois exemplos?

Mencarelli. Sim, continue!

Calavia. Ah, obrigado! O primeiro é (não é fácil falar sobre isso): um mês atrás cheguei em casa e minha esposa, que é médica, me disse: «Preciso te dizer uma coisa». Estava muito séria e eu não sabia o que tinha acontecido. Ela me disse que tinha recebido a notícia (curiosamente, antes de chegar a mim e a minha família, porque ela trabalha no hospital) de que minha mãe tinha dez tumores nos pulmões: cinco em um e cinco no outro. Minha mãe ainda não sabia. E, aqui, não dá para fingir que não é nada, de verdade! Coube a mim e a ela ir até a casa da minha família para dar a notícia. Imaginem o que pode se passar em um filho como eu, de trinta e três anos, que chega na casa de sua mãe para contar que ela tem câncer nos pulmões. A primeira coisa que minha mãe fez foi olhar para o meu pai e dizer: «Eu sei para onde vou, seja agora ou daqui a cinco anos, seja por esta ou por outra doença, ou por alguma outra situação». Pensei: «Como isso é possível?». Vou contar toda a história. Depois da primeira cirurgia no pulmão (porque ela precisou fazer duas, uma em um pulmão e outra, no outro), que correu muito bem, eu estava muito feliz pela saúde dela, e quando cheguei em casa, escrevi para minha mãe: «A verdadeira alegria é pela fé», quer dizer, pelo fato de saber para onde vamos; é verdade o que celebramos na Semana Santa se quando lhe dizem que você tem dez tumores nos pulmões você pode chegar a dizer: «Sei para onde vou». Tenho vivido essa experiência no Movimento, no caminho de conhecimento que Julián nos propõe: uma diversidade humana que chega até a esperança, uma posição diferente – absolutamente diferente, quase impossível de imaginar antes de acontecer – que faz ser e reagir assim diante da doença. Eu quase me escandalizo comigo mesmo quando digo: «Por que a verdadeira alegria é por causa da fé e não da saúde?». Porque se alegrar simplesmente pela saúde, no fundo, tudo bem, mas é só até a próxima notícia ruim. No dia 21 de setembro de 2006 entrou na minha história um rosto com uma diversidade que transcende o limite das possibilidades humanas, com certeza, e fez com que eu chegasse a dizer: «Tu, Tu que entraste na história, vieste até mim e fazes com que eu esteja tranquilo, que minha mãe esteja tranquila diante de uma coisa assim». Por isso é possível consagrar a vida, por isso é possível se casar, por isso é possível trabalhar, por isso é possível estar feliz em todos os instantes do dia. Isto acontece, é, agora: vinte dias depois da segunda cirurgia estou absolutamente contente por causa da fé. Acordo pensando nisso. Pode parecer um pouco estranho para vocês, mas eu acordo pensando no Movimento, acordo pensando no que aconteceu na minha vida.

A última coisa que gostaria de contar é esta: quatro anos atrás, comprei um carro maravilhoso e, na semana passada, a pessoa que me vendeu o carro me telefonou. Era sábado (eu o vi duas ou três vezes em quatro anos). Atendi o telefone e pensei: «Estranho ele me ligar num sábado, talvez queira me dizer alguma coisa sobre o carro», mas ele começou a falar de sua filha. Eu disse: «Sou Alfonso Calavia, um cliente, acho que você errou o número, não sei por que está me contando isso». «Você é professor, não?». «Sim, sou professor, mas...». Então, disse que eu tinha falado algumas coisas sobre o meu trabalho três anos atrás, na concessionária, enquanto ele me vendia o carro; e começou a me contar que sua filha está triste, »

» que não vai bem na escola e que ele não sabe o que fazer. Depois, perguntou: «O que devo fazer?». Pensei: «Será que é verdade o que está acontecendo?». Primeira coisa: ele não tem com quem falar sobre a filha, sobre a educação da filha, e liga para um cliente a quem vendeu um carro quatro anos atrás. Isso já é impressionante. Mas, depois, me disse: «Três anos atrás eu vi que você era apaixonado pela escola e, então, pensei: “Vou ligar para ele e perguntar o que devo fazer”». Parece a história do Gemoll,³ o dicionário de grego que Giussani esperava quando era seminarista. Não chegava nunca, mas um dia, chegou. Então, ele me disse: «Moro a 50 metros de uma escola» – uma escola o Movimento. Em Madri, há duas, então, era impossível que uma fosse justamente perto da casa dele! –. Então, ele decidiu mudar a filha de escola por causa de um telefonema de três minutos, o que me faz pensar: «Tu, Cristo, que és tão concreto que em 2006 entraste no metrô de Madri, mudaste tudo, me fizeste mudar de universidade (porque depois daquele encontro deixei Economia, me inscrevi em Letras e agora sou professor de Língua e Literatura Espanholas. Tudo mudou, até a forma de olhar os jornais e os relacionamentos), o que fizeste em um diretor de uma concessionária de automóveis para me ligar e falar de sua filha que está triste e que não sabe o que deve fazer?». Então, pensei: «Caramba, que história, que história de amor!».

Padre Andrea, o senhor perguntou de onde vem essa diversidade. Simplesmente de uma história de amor, que foi possível e cresceu sem parar por eu ter seguido o carisma. Nada além disso, só por eu ter seguido a indicação que meu amigo me deu antes de ir para o mosteiro: «Você simplesmente deve continuar aqui e entenderá». E não só “entendi”, mas sou feliz. Não é normal que alguém possa encarar as coisas, possa acordar e dizer: «Obrigado!». Não é normal estar aqui com vocês e, com todo o tremor que isso me causa, dizer: «Não sou eu». Agora, posso dizer por experiência: «Não sou eu, eu sou “Tu” que me encontraste e mudaste todas as coisas da minha vida até hoje, e continuas mudando». Ele entrou na minha vida, portanto, tudo está em relação com Ele num nível absolutamente do outro mundo.

Desculpem se falei muito.

Mencarelli. Obrigado! Cantamos «*Por todo lo que recibí / Estar aquí vale la pena [...] Ahora sé que no estoy solo*»...⁴. Este é o meu espanhol, imagine, melhor do que o seu italiano! Nós agradecemos, te agradeço muito por esse ímpeto de vida que nos comunicou e sobre o qual esperamos poder voltar a falar. Obrigado, Alfonso! Boa Páscoa! Mande lembranças a Maria.

Calavia. Obrigado a você, amigo.

Mencarelli. Mas não termina aqui, como dizia um famoso apresentador, porque depois de Alfonso, de Madri, também temos outro amigo: padre Gabriele, de Milão – mais precisamente, de Dergano – que convidamos para dar um passo conosco esta manhã. Bem-vindo! Gostaria de perguntar: como você amadureceu sua escolha? Como viveu sua época de colégio e o que aconteceu que fez com que você se movesse?

Gabriele Giorgetti. Se hoje estou aqui é porque na minha vida sempre reconheci alguém que teve uma estima, um afeto, um olhar para comigo maior e mais interessante do que eu era capaz.

A oportunidade de falar para vocês dos Colegiais é, para mim, a possibilidade de pensar novamente nos meus anos de ensino médio. »

³ Cf. A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua Vida*, Tenacitas, Coimbra, 2017, p. 55ss.

⁴ « *Por todo o que recebi / Vale a pena estar aqui [...] Agora sei que não estou sozinho* » (Jarabe de Palo, «Eso que tú me das» do Álbum *Tragas o Escupes*, 2020 Tronco Records).

» Cresci em Milão, numa família católica e frequentei um colégio público. Eu não era muito extrovertido, nunca tomei iniciativa nos relacionamentos, sempre esperava que os outros se aproximassem. Era um menino normal, meio insignificante, talvez porque na minha maneira de agir não houvesse características especiais que pudessem se destacar.

Também não era muito simpático, a única simpatia evidente que alguém me mostrava eram as pessoas da secretaria administrativa. Mas é claro que isso não é motivo de orgulho.

Em suma, minha adolescência não teve nenhum evento digno de nota, a não ser que no último ano do ensino médio fui eleito representante de classe e, também aqui, não por causa da minha diplomacia ou dialética, mas só porque eu conhecia o vice-diretor, grande amigo das pessoas da secretaria.

Lembro-me das noites com meus colegas de classe: tenho na memória um lugar – nem sei se ainda existe – que se chamava “Indiana Caffè” e as fontes na Avenida Buenos Aires e em Navigli.

Se na época existisse o Instagram, não quero nem imaginar como seria o meu perfil...

Dentro de tudo isso, porém, eu tinha um grande desejo na vida: todavia, esse desejo era acompanhado por um grande sentimento de solidão. Toda experiência que eu vivia era a confirmação de que, no fundo, eu estava sozinho, sozinho com as minhas dificuldades, sozinho com a minha tristeza, sozinho na minha maneira de viver a fé, sozinho sobretudo com as minhas perguntas.

Minha vida parecia dividida em compartimentos estanques, eu não me questionava sobre a razão pela qual fazia as coisas: os amigos eram um preenchimento, reduzidos a um passatempo; a experiência na igreja não tinha nenhuma influência sobre o que eu era, até a menina com quem me relacionei no terceiro ano não respondia meu sentimento de solidão.

Chegava à noite constatando que tinha feito coisas, mas que, na verdade, não tinha encontrado nada.

No final do terceiro ano – gostaria de acrescentar que, inclusive, reprovei, mas nem isso me abalou –, aconteceram dois encontros que levaram a uma verdadeira mudança na minha vida.

Olha, pessoal, não são as perguntas ou as inquietudes por si só que podem fazer vocês mudarem, mas um encontro presente e vivo, algo que acontece. Eu achava que estava sozinho, mas havia Alguém que não tinha me deixado sozinho.

O primeiro fato foi o encontro com João Paulo II durante a Jornada Mundial da Juventude, em Roma.

Durante aquele verão, era o ano de 2000, minha paróquia oferecia a possibilidade de participar da Jornada Mundial da Juventude: eu não sabia bem do que se tratava, porém, talvez pelo interesse por uma menina, ou talvez pela amizade que tinha nascido com um padre, decidi participar. Ali, descobri e encontrei aquele que acredito ser o maior amigo para a minha vida, João Paulo II. Amigo, não da vida, mas para a vida! Suas palavras, mas sobretudo seus gestos, tiveram a força de me arrancar dos meus pensamentos e dúvidas: a anestesia da vida tinha terminado.

Não sei se vocês viram alguma imagem daquela Jornada, mas para dar uma ideia a vocês, imaginem dois milhões de jovens amontoados em uma esplanada imensa, um calor de matar, e músicas improváveis de fundo... E, num determinado momento, quando a noite caía, vimos um pontinho branco se encaminhando com dificuldade para o meio do palco. O Papa começou a falar e me fulminou com essas palavras: «Na realidade, é Jesus quem buscais quando sonhais a felicidade; é Ele quem vos espera, quando nada do que encontráis vos satisfaz; Ele é a beleza que tanto vos atrai; é Ele quem vos provoca com aquela sede de radicalidade que não vos deixa ceder a compromissos; é Ele quem vos impele a depor as máscaras que tornam a vida falsa; é Ele quem vos lê no coração as decisões mais verdadeiras que outros queríam sufocar. É Jesus quem suscita em vós o desejo de fazer da vossa vida algo de grande, a »

» vontade de seguir um ideal, a recusa de vos deixardes submergir pela mediocridade, a coragem de vos empenhardes, com humildade e perseverança, no aperfeiçoamento de vós próprios e da sociedade, tornando-a mais humana e fraterna».⁵

Pela primeira vez, alguém estava dizendo alguma coisa que me parecia correspondente ao que eu buscava, dizia que Cristo tem a ver com a felicidade, mas, sobretudo, que não decepciona. Não parecia verdade que alguém estava me dizendo que eu podia ser feliz e me indicava um caminho.

Pois bem, eu buscava – e ainda busco – algo, ou melhor, alguém que não me decepcionasse! Ali, exatamente naquele momento, nasceu de modo evidente para mim a possibilidade de dar a vida por um grande ideal!

Eu me perguntava: «É possível viver por Cristo, anunciá-Lo em qualquer circunstância e em qualquer condição? Se o Papa, que é velho e doente, faz isso, por que eu, que tenho dezessete anos, não posso fazer? Será que não posso porque continuo tirando 3 em Física?».

Naquela noite – onde, dos 40 graus se passou para 18 por causa da grande umidade –, lembro-me que não dormi: o entusiasmo e a adrenalina que aquele homem tinha despertado em mim eram muito grandes. Estava pronto para conquistar o mundo! Ou melhor, queria que aquelas palavras sobre felicidade pudessem chegar a todos! Estava transbordando e não parava de fazer perguntas ao meu padre! Sobre tudo! Sobre tudo, mesmo! Sobre Jesus, sobre a vocação, sobre o Seminário... Mas ele queria dormir!

Na confusão e no deslumbramento daquela noite, um pensamento começou a surgir em mim: «Se o que eu tinha intuído era verdadeiro, com o tempo se revelaria em toda a sua beleza».

Junto com esse fato tão forte, e de algum modo definitivo, aconteceu outro encontro decisivo para mim: depois de muitos professores que nunca tinham gostado de mim, lá estava o meu novo professor de Literatura, o professor Rana. Ele tinha um olhar diferente dos outros, eu via nele um interesse pela vida, pela realidade, pela humanidade, que eu nunca tinha encontrado na escola. Era tão interessado pelas questões sobre a vida que eu confiei nele e compartilhei o questionamento que eu tinha sobre a minha vocação.

E, assim, depois de uma confissão na Catedral, provocado por uma pergunta do padre, comecei um caminho de verificação para entender qual seria a forma para que a minha humanidade, cheia de limites e contradições, pudesse florescer em toda sua potencialidade, seguindo aquele desejo de felicidade que explodiu na esplanada de Tor Vergata e alimentado pelo encontro com meu professor.

Gostaria de fazer uma comparação daquele período da minha vida, que não foi fácil. Digo que não foi fácil referindo-me à nova forma que a minha solidão tinha tomado: eu tinha um desejo enorme, um questionamento imenso, e todas as pessoas que eu via diariamente não pareciam nem um pouco interessadas por aquilo que, para mim, era a coisa mais valiosa.

Talvez a comparação seja um pouco maluca, mas me vem em mente aquele jogo muito chato da semana do quebra-cabeça no qual você precisa ligar os pontinhos: aos poucos o desenho vai aparecendo e você descobre a figura que outra pessoa tinha imaginado para você! Ou seja, quando você começa a ligar os primeiros pontinhos, fica curioso e quer encontrar os pontos seguintes e, num determinado momento, não consegue mais parar até que a imagem, finalmente, conquista todos os seus contornos e você a vê. Você a vê!

Assim, com o convite daquele padre na Catedral, começou a minha fase de “agente secreto”: o caminho de verificação da minha vocação foi uma verdadeira descoberta de mim. É verdade que isso acontecia no segredo do meu coração – eu não podia falar sobre isso »

⁵ João Paulo II, *Vigília de oração com os jovens*, Tor Vergata, Roma, 19 de agosto de 2000.

» com ninguém –, mas tinha uma clareza e uma evidência que eu nunca tinha experimentado. A descoberta do que eu era, do fato de que a vida adquire um sentido só no momento em que é doada e oferecida, gerou em mim uma grande alegria e um interesse pela realidade – por física, nem tanto, para dizer a verdade – que nunca tinha vivido.

Assim, aos dezenove anos, pedi para entrar no Seminário! Tão jovem! Ainda não tinha nem barba!

Dei esse passo não porque tinha entendido tudo, porque sabia tudo ou porque tinha certeza de que as coisas dariam certo! Lembro-me do início do livro *É possível viver assim?*, de Dom Giussani. Não estava entrando no Seminário porque conhecia o Seminário e o que significava ser padre. Começava aquele caminho porque havia algo que me fazia dizer «vale a pena começar». Começava um caminho não porque tinha colocado tudo na balança para ver os prós e os contras, começava porque dentro daquele passo estava eu, naquele passo havia a possibilidade do tudo e isso, pela primeira vez, era o que mais me correspondia.

Começava um caminho e apostava em uma coisa sobre a qual todos eram contra.

Em primeiro lugar, meus pais e minha família. Para eles, era uma loucura não fazer a universidade ou não tentar ter um relacionamento estável com uma menina. Na verdade, minha mãe, para tentar me fazer mudar de ideia, mandava presentes em meu nome para uma menina que eu conhecia. Além deles, meus colegas de escola e de balada: eles também não entendiam o que estava acontecendo comigo. Lembro de um querido amigo daquele tempo que queria a todo custo que eu fosse com ele à Sardenha passar o verão, para aproveitar a vida nas praias e baladas para tentar tirar da minha cabeça essas ideias estranhas (não preciso dizer que não fui à Sardenha, pelo menos daquela vez).

Os anos de Seminário foram bonitos e entusiasmantes, florescia em mim uma humanidade que eu não conseguia explicar, e que me era oferecida sempre na relação com um Outro. Porque é você que escolhe, mas escolhe sempre diante de alguém que está te chamando.

No Seminário, descobri a beleza e a força de uma companhia, uma companhia rumo ao destino, uma paixão pela Igreja. Pela primeira vez, descobri o que significava ter amigos verdadeiros: como eu disse antes, amigos da vida e para a vida. Amigos com quem não era possível trapacear, com quem se pode ser si mesmo, compartilhando descobertas, dificuldades e alegrias. A vida, juntos, era a possibilidade de fazer emergir a pergunta e, ao mesmo tempo, purificá-la. Naqueles seis anos que vivi no Seminário pude experimentar novamente aquele olhar de cuidado e estima que, como eu disse no início, sempre me acompanhou, e ainda acompanha, e que, para mim, continua sem explicação. Ainda nos falamos com muita frequência, nos encontramos, passamos férias juntos, em suma, continuamos caminhando juntos rumo ao destino.

Para concluir, gostaria de compartilhar com vocês duas coisas que amadureceram em mim.

A primeira é o hoje da minha vocação. Se alguém me perguntasse: «Quando você entendeu que devia ser padre?». A resposta mais verdadeira que eu poderia dar, seria: «Hoje!». É hoje que escolho e decido me jogar por inteiro, não me basta dizer ontem, e simplesmente não posso dizer amanhã! Hoje, o presente se torna tal se digo sim àquilo que tem valor, ou seja, àquilo que valoriza o que eu sou. Quem me chamou não me abandona, continua me chamando todos os dias, renovando a promessa de felicidade com Ele.

E a segunda coisa é que não estou pronto: todos os dias percebo que, racionalmente, não estou pronto para ser padre. Mesmo doze anos depois de ter sido ordenado, me parece que as coisas que não entendi são muito mais do que as que descobri. Na noite anterior à minha ordenação, me lembro que, tentando usar o missal sozinho no meu quarto, eu repetia: «Eu não estou pronto!»! A única coisa que, no fundo, eu tinha, era a consciência de que não era eu que tinha criado aquilo: era um Outro que estava me chamando a dar aquele passo. O caminho que eu fiz no Seminário não me tornou mais inteligente ou melhor para estar »

» «pronto» para ser padre, mas me tornou mais consciente do que eu desejava para a vida. Estava mais claro para mim a Quem eu queria manter meu coração ligado.

Isso que estou dizendo a vocês ficou mais claro para mim numa noite quando, já padre e com vinte e seis anos, um responsável do clero veio me encontrar, e disse: «Gabriele, para qualquer lugar que o mandemos você vai ser um bom padre». Isso não me bastava, não me bastava nem a estima de um superior, porque responder à vocação não é como fechar um arquivo, não é dizer: «Agora entendi com quem devo estar, ou o que preciso ser e, portanto, a vida está resolvida». Também não significava: «Muito bem, agora você tem um poder, está pronto para educar os outros na fé».

Nos primeiros anos como sacerdote, eu fazia um monte de coisas. Foram anos belíssimos. Cada dia era ocasião de me entusiasmar pelo que fazia, enchia a agenda de encontros, de iniciativas propostas, fazia muitas coisas, que davam certo de modo discreto, diria.

Porém, depois, aconteceu uma coisa, ou melhor, continuava acontecendo uma coisa. Tanto na minha paróquia quanto em Milão, continuava encontrando e frequentando pessoas que viviam a experiência cristã de um modo mais interessante e mais verdadeiro do que eu, como padre, poderia viver.

Todas essas pessoas, famílias, jovens, adolescentes, viviam a experiência do Movimento Comunhão e Libertação, e todas elas me tocavam particularmente. Assim, num certo ponto, nasceu a urgência de entender qual era a origem daquela beleza, daquela intensidade de vida que eu sempre via acontecer.

No dia 26 de março de 2014, depois de muitas negativas de participar da Escola de Comunidade, finalmente decidi escutar, junto com alguns amigos, a Escola de Comunidade de Carrón. Ainda tenho as anotações daquela noite no celular, mas me lembro bem do que Carrón disse, e que me marcou: *«O problema é que o juízo é o início da libertação; julgar é o início da libertação, porque só se alguém começa a julgar começa a distinguir o bom da aparência e, então, pouco a pouco, vê a diferença entre o contragolpe sentimental e a correspondência. O Mistério se fez carne e nos revelou o que é a verdade, a verdadeira humanidade. Se alguém, de algum modo, ainda não consegue perceber isso na experiência, ele tem uma indicação, não para poupá-lo da experiência, mas como orientação num momento de confusão: aqui, alguma coisa não bate, a Igreja me diz outra coisa, Jesus me diz outra coisa. Então, não é que simplesmente me submeto, deixando de lado o desejo de entender, mas vou até o fundo da questão, porque Jesus e a Igreja não querem me enganar».*

Aqui, começou um verdadeiro caminho de descoberta, não porque conhecia melhor a teologia ou porque tivesse descoberto uma nova estratégia para encher a igreja de gente, mas simplesmente porque comecei a entender que era necessário julgar as coisas que eu fazia, ou seja, descobrir um método que me fizesse desfrutar mais das coisas que eu já vivia, que já existiam. Em suma, foi a descoberta do que era e do que é a minha relação com Cristo.

A pergunta não era mais simplesmente: «Isso é certo ou errado?» – como fazem muitas vezes aqueles que me perguntam: «Diga-me qual é a coisa certa a fazer!» –, mas era a possibilidade de reconhecer e de me maravilhar com o que era verdadeiro para mim! Não uma visão moralista! Surpreendi-me como Deus estava presente na minha vida de um modo entusiasmante: Cristo é a resposta ao meu desejo.

A experiência do Movimento, pertencer a esta companhia, foi, portanto, uma verdadeira descoberta das razões da origem do meu chamado.

Se eu precisasse resumir estes anos, desde que me inscrevi na Fraternidade, eu diria que a minha vida, no fundo, é uma tentativa irônica. Onde a ironia não é o cinismo que nos faz pensar que nada tem valor, mas é a ideia de que, mais do que a nossa pequenez e a pequenez das coisas, há um pertencer a um Outro, e é Ele quem faz as coisas. »

» Há uma imagem que Dom Gius usa quando fala das tentativas irônicas, de que gosto muito. Leio para vocês, e concluo com isso: «*O cristianismo, diante do fato de que quanto mais alguém ama, mais gostaria de ser perfeito – gostaria, mas não consegue –, diante disso, sorri, porque o obriga a confiar na bondade do outro [...] que representa a misericórdia de Deus (assim como o outro que você ama é obra de Deus, do mesmo modo a misericórdia do outro é o sinal da misericórdia de Deus). É isso o que explica a ironia sobre si mesmo, que não é zombar de si mesmo, é o contrário: é empenhar-se profundamente, com a certeza respondida na bondade de um outro, na força de um outro e na misericórdia de um outro. “Quem sabe por que me ama! [...] Não porque eu o amo: não posso dizer isso! Aliás, este é o ponto: eu amo você, mas não consigo fazer nada de bom e perfeito. Quem sabe o que faz com que essa pessoa me ame mesmo assim!”.* No entanto, você não suspende seu empenho, pelo contrário, o torna mais intenso, e esta é a fonte da ironia sobre você. Como um pai que vê seu filho pequeno tentando arrastar uma cadeira grande; sorri, mas não zomba dele. Aproxima-se e o ajuda. E o menino diz: “Não, não, não, eu faço isso”».⁶

Acho que consegui mover um pouco a cadeira grande das minhas ânsias, dos meus pensamentos, das minhas ideias, porque reconheci e reconheço que sempre houve a mão de Alguém maior acompanhando minha tentativa desajeitada.

Este também é o motivo pelo qual gosto de estar com os jovens: ver todas as tentativas irônicas que fazem e me surpreender, junto com eles, com Aquele que as leva a cabo.

Mencarelli. Obrigado padre Gabriele. Escutamos muitas coisas nesta manhã, mas não tenhamos receio de ter que memorizar tudo, haverá tempo para voltar a elas. Antes de mais nada, deixemos nos tocar por aquilo que ouvimos.

Reagindo ao que ouvimos, gostaria de compartilhar uma frase de Dom Giussani, que diz assim: «Não consigo encontrar outro indicador de esperança a não ser o multiplicar-se de [...] pessoas que são presenças. A multiplicação dessas pessoas; e uma inevitável simpatia [...] entre essas pessoas»,⁷ uma simpatia que é uma grande familiaridade, mesmo que não nos encontremos todos os dias.

Quando o Mistério, o Pai, nos coloca ao lado dos irmãos, dos irmãos mais velhos que caminham, como esta manhã Alfonso e padre Gabriele, faz isso não para nos fazer ver como estamos parados em relação a eles, mas para despertar nossa vontade de caminhar. Por isso, desejemos, peçamos para poder continuar caminhando, também ajudados pelo testemunho desses nossos amigos e de todos aqueles que o Mistério colocar no nosso caminho. Funciona como para uma fruta: como fazer uma banana verde amadurecer? É só colocá-la perto de uma maçã. Assim, amadurece! Experimentem fazer isso! Este é o modo com o qual o Senhor continua vindo ao nosso encontro, com o qual se mantém próximo para que possamos nos tornar adultos, frutos maduros.

Falando sobre caminhar juntos, para concluir (como não precisamos pegar o ônibus, podemos nos deter por mais alguns minutos), gostaria de ouvir o Francesco. Mantivemos um contato contínuo com ele nestes dias, já que havia a proibição do deslocamento entre os estados.

Francesco Barberis. Obrigado, Andrea. Antes da leitura dos avisos, permitam-me dizer só duas coisas para exprimir a alegria que senti, e que sinto também esta manhã. A primeira coisa é um agradecimento especial a você, padre Andrea; exceto pelo exemplo Bastoni/Barella que não consegui entender, mas que depois você vai me ajudar, gostaria de agradecer pelo modo como realmente nos acompanhou nestes dias, neste gesto tão decisivo para a »

⁶ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão, 1999, pp. 270-271.

⁷ L. Giussani-G. Testori, *Il senso della nascita*, Bur, Milão, 2013, p. 116.

» nossa vida, como o Tríduo Pascal. A inteligência que brota da fé pode se tornar realmente inteligência no modo de olhar a realidade, como percebemos, ao estremecermos em tantos momentos. E que comoção sentimos na quinta-feira à noite quando você, padre Andrea, nos desafiou, fazendo a pergunta: «Como a semente faz para crescer?» e Jesus respondeu, continua e continuará respondendo, para sempre: «Para que a vossa alegria seja plena, permaneça em Mim». E, por isso, a primeira coisa é um “obrigado”, obrigado padre Andrea por ter nos acompanhado desse modo.

A segunda coisa, muito breve, digo pensando em todos vocês, jovens, e também nos muitos adultos que estão nos acompanhando nestes dias. Ontem de manhã, padre Andrea nos chamava a atenção com esta frase: «Não nos esqueçamos [...] que a nossa esperança não está em saber fazer “como” Jesus, mas “é” Jesus», como nos lembrou padre Gabriele mostrando-nos o vídeo de João Paulo II. A nossa esperança está naquele estar de joelhos de ontem à tarde diante da Sua presença, apaixonados por Ele, pelo Seu olhar tão humano, tão comovido pela nossa vida. Por isso, obrigado.

Agora, leio o telegrama que enviaremos amanhã ao Santo Padre, o Papa Francisco:

«Santidade, mais de 4000 estudantes do segundo grau de Comunhão e Libertação, junto com seus professores, participaram por videoconferência, de 1 a 3 de abril, do Tríduo Pascal, que teve por título “Vivo é algo presente”. “Este é o tempo do nosso juízo, o tempo de decidir o que conta e o que passa”, disse o senhor a todos na Praça de São Pedro no dia 27 de março do ano passado. Na grande aventura de viver como homens, enquanto tomamos consciência da nossa fragilidade de pecadores, podemos seguir o caminho percorrido por Cristo, que viveu toda a sua existência como filho, inteiramente apoiado sobre a certeza da sua relação com o Pai. A Ressurreição de Jesus também nos introduz no diálogo de amor da Trindade onde cada solicitação da nossa humanidade é abraçada, e tudo de nós é objeto de misericórdia, é chamado à vida nova. Deixando-nos abraçar pela ternura de Cristo Ressuscitado vivo e presente na Igreja, podemos ir de encontro a todos os nossos irmãos e irmãs, peregrinos como nós, e em viagem no mesmo barco. Enquanto imploramos sua especial bênção, lhe asseguramos a nossa oração. Boa Páscoa, Santidade! Francesco Barberis e padre Andrea Mencarelli».

Mencarelli. Obrigado, Francesco. Boa Páscoa! O maior augúrio que podemos fazer aos nossos pais e aos nossos amigos, é cantar a eles o que encontramos.

Regina Coeli